

O CERRADO DA MÃE JOANA

CARLOS EDUARDO MAZZETTO SILVA *

Os Cerrados brasileiros se constituem numa fisionomia de savana única no planeta. As savanas africanas e as australianas são significativamente diversas em relação ao nosso Cerrado, que representa hoje 5% da biodiversidade planetária e se constitui na caixa d'água das grandes bacias hidrográficas brasileiras. O domínio do Cerrado se estende no Brasil por 192,8 milhões de hectares, abrangendo onze Estados da Federação, o que corresponde a 22,65% do território nacional, onde vivem mais de 22 milhões de pessoas. Esse total corresponde ao chamando "Cerrado contínuo" ou área *core* (central) do Cerrado brasileiro, não incluindo as áreas de transição com os outros biomas brasileiros: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Caatinga, Pantanal e Matas de Cocais do Maranhão e Piauí.

A partir da inauguração de Brasília (DF), a região de domínio do Cerrado começou a ser mais intensamente ocupada, mas já viviam nela cerca de onze milhões de pessoas em 1960, sete dos quais habitantes das zonas rurais. Até esse ano, os Cerrados não tinham sofrido fortes agressões – sua biodiversidade e seu papel de caixa d'água estavam preservados. A lógica tradicional de ocupação dos Cerrados, baseada na criação de gado, extrativismo e agricultura de subsistência, não fez romper os processos ecológicos que mantinham o funcionamento dos mais de dez diferentes ecossistemas que se abrigam dentro do domínio do Cerrado.

Mas, já na década de 1970, os Cerrados vão se transformando progressivamente em fronteira agrícola. Para preservar a Amazônia, vitrine ecológica do país, havia que se explorar o Cerrado, com base na ciência agrícola moderna, que viabilizou a transformação de suas Chapadas em extensas áreas de monocultivos, seja de capim braquiária, de grãos, de cana de açúcar, de laranja, de algodão ou de eucalipto. A soja é a grande vedete do chamado agronegócio atual, totalmente globalizado. Ela já ocupa cerca de 10 milhões de hectares na área do Cerrado contínuo, que representa mais de 5% de sua superfície e 58% da soja produzida no Brasil, em grande parte plantada por produtores vindos do Sul do Brasil e grandes empresas agropecuárias, todos atrelados a esquemas de corporações transnacionais como Cargill, Bunge, Multigrain, as verdadeiras ganhadoras desse jogo, junto com a indústria (também transnacional) de máquinas agrícolas, sementes e agroquímicos. Isso vem sendo considerado um êxito agrônomo e comercial do nosso agronegócio, que se anuncia extremamente moderno e produtivo. Entretanto, evidências e fatos expostos no nosso cotidiano vêm mostrar a face perversa dessa modernidade, na verdade arcaica, concentradora, predatória e, pelo menos em alguns casos, escravocrata.

Nas áreas mais novas dessa fronteira – Tocantins, Sul do Maranhão e do Piauí, Oeste da Bahia, Noroeste de Minas Gerais e Mato Grosso –, essa expansão se dá com base em trabalho escravo, na degradação e descumprimento da legislação ambiental. Pude constatar pessoalmente em

viagem ao Sul do Maranhão e na divisa com Tocantins essa situação de degradação humana e ecológica. Na região de Balsas (MA) já existem mais de 300.000 hectares de soja, quase tudo em terras que eram públicas até quinze anos atrás. As multinacionais financiam, compram e exportam mais de 1 milhão de toneladas de grãos na região. O custo para a população local é o assoreamento dos cursos d'água, provocado pela erosão oriunda das Chapadas cultivadas com soja, a contaminação dessa água (cada hectare de soja consome de 5 a 10 kg de agrotóxico), a diminuição da produção de alimentos de consumo regional, a expropriação da população camponesa, o trabalho precário e o crescimento das periferias urbanas. Note-se que para gerar um emprego são necessários cerca de duzentos hectares de monocultivo de soja, enquanto a agricultura familiar gera uma ocupação a cada oito hectares. Essa realidade do Cerrado brasileiro é cruelmente ilustrada por alguns dados e notícias:

- O Mato Grosso, governado pelo maior sojeiro do mundo, Blairo Maggi (produtor rural oriundo do Paraná, que também detém a concessão de transporte da soja através da Hidrovia do Rio Madeira), foi o recordista de desmatamento em 2003 e o Estado onde mais se despejou famílias rurais no mesmo ano (mais de 6.500 famílias), o equivalente a cerca de 6% de sua população rural! O Estado aparece ainda com o maior número de casos de trabalho escravo (17 fazendas, envolvendo 1.100 trabalhadores rurais), de acordo com a lista do Ministério do Trabalho publicada nos jornais em 26 de julho de 2004.
- As investigações sobre a chacina de Unai (considerado o Eldorado do Cerrado mineiro) apontam para o fazendeiro Norberto Mânica (também produtor rural oriundo do Sul do país) como suspeito de ser o mandante do assassinato dos mencionados fiscais. Mânica é o maior produtor de feijão do país, cultivado nas Chapadas às custas de grandes captações de água que viabilizam a irrigação através dos pivôs centrais, técnica já banida em diversos países pelo excesso de água de suga das fontes e do desperdício que gera. Ele recebeu, entre 2002 e 2003, 17 notificações da Delegacia Regional do Trabalho (DRT) por descumprimento da legislação trabalhista, o que gerou R\$ 150.000,00 em multas.

Para agravar o quadro, o jornal **O Globo** trouxe nesta mesma época uma manchete de estarrecer: *“Gringos invadem as terras do Cerrado brasileiro – americanos e europeus trazidos por empresas dos EUA investem em plantações de algodão, soja e milho no país”*. A matéria informa que empresas estrangeiras com escritório no Brasil promovem propagandas e excursões ao Cerrado brasileiro (o Cerrado baiano é a atual vedete), que geram a “venda” (sabe-se lá como são obtidas essas terras) de milhões de hectares de Cerrado, os quais oferecem retornos financeiros altamente compensadores.

Enfim, o Cerrado brasileiro é a atual casa da Mãe Joana da economia global, na maré de um agronegócio sujo e estrangeiro, que concentra a terra, explora a população e degrada os ecossistemas locais, sem agregar nada de sustentável à economia e à vida social dessas regiões. Isso é desenvolvimento? Sustentável? Infelizmente, é o modelo que o atual governo

federal resolveu fortalecer e perpetuar – desde 1.500 mata-se e desmata-se para alimentar ciclos econômicos predatórios e excludentes: da cana, do ouro, da seringa, do cacau, do café. Agora é a vez da soja e outros grãos coadjuvantes, acompanhados do eucalipto, que alimenta a indústria siderúrgica e de celulose (mais sujeira) e também vem tomando os Cerrados há décadas.

À margem desse modelo suicida, e lutando contra ele, centenas de iniciativas de uso sustentável dos recursos naturais do Cerrado florescem desde o final dos anos 1980. Só que por detrás delas não há corporações transnacionais, nem bancada ruralista, nem sociedades de agribusiness, nem fartos recursos governamentais. São populações camponesas, indígenas, entidades populares e agroecológicas, ambientalistas, pesquisadores independentes e outros que querem mostrar que é possível não tratar o Cerrado como mero suporte de produção suja de mercadorias globais, mas sim fonte de riqueza social, cultural, econômica e ecológica permanente para o povo do Cerrado, o principal perdedor desse modelo. Para esse povo, o Cerrado é a sua casa, o seu habitat, lugar de vida, não de morte.

** Carlos Eduardo Mazzetto Silva é engenheiro agrônomo, mestre em Geografia (Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG), doutorando em Ordenamento Territorial e Ambiental (Universidade Federal Fluminense/UFF) e professor de Geografia e Análise Ambiental do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH).*